

A Literatura de Viagem e a América Latina: experiências de Domingo Faustino Sarmiento e Paul Groussac

Daiana Pereira Neto
Doutoranda em História
Universidade Federal de Juiz de Fora
daianapneto@gmail.com

Resumo

As obras entendidas como literatura de viagem vêm sendo cada vez mais adotadas por historiadores como fontes valiosas de pesquisa. Mais que retratos fiéis da realidade são entendidas como meios para compreendermos os autores, suas sociedades de origem, seus anseios e projetos. Este artigo tem por objetivo analisar textos de viagem de Domingo Faustino Sarmiento e Paul Groussac, buscando compreender como ambos retrataram a América Latina, especialmente o Chile.

Palavras-chave: Paul Groussac; Domingo Faustino Sarmiento; literatura de viagem; América Latina.

Resumen

Las obras literarias comprendidas como literatura de viajes, son cada vez más adoptadas por los historiadores como fuentes para la escrita de la historia, y más que fieles fotos de la realidad, son medios para conocer los autores, su sociedad de origen y sus proyectos. El artículo presenta un análisis crítico de los textos de viajes del argentino Domingo Faustino Sarmiento y del franco-argentino Paul Groussac.

Palabras clave: Paul Groussac; Domingo Faustino Sarmiento; literatura de viajes; América Latina.

Introdução

Nas últimas décadas a literatura de viagem vem sendo cada vez mais utilizada no fazer historiográfico, já que um número cada vez maior de pesquisadores vem se debruçando sobre estas fontes, indagando-as de diferentes maneiras e obtendo, por sua vez, novas respostas em relação ao passado.

Cabe, então, pensarmos primeiramente no que consiste o termo “viagem”, uma definição que me agrada é a de James Clifford, venho recorrendo a ela sempre que escrevo sobre literatura de viagem, pois acredito que em poucas linhas o autor consiga sintetizar os principais significados:

El viaje es un término inclusivo que abarca un amplio rango de prácticas, más o menos voluntarias, de dejar la “casa” para ir a “otro” lugar. Este desplazamiento tiene el propósito de una ganancia – material, espiritual o científica- e involucra la obtención de

un conocimiento o la vivencia de una experiencia (excitante, edificante, placentera, expansiva, de extrañamiento) (CLIFFORD, 1997. Apud. COLOMBI, 2010, p. 287-308).

Portanto, deste “amplo número de práticas” deriva também uma série de formas de se escrever literatura de viagem. Esta pode se apresentar na forma de diários, cartas, livros, artigos, dentre outros, podendo ainda ser escrita sem a pretensão de publicação, sendo descobertas após a morte de seus autores. Porém, dessa variedade de formas, provém o relato de uma experiência de viagem.

A América Latina, desde seu “descobrimento” pelos europeus, vem sendo inspiração para textos de viagem. Inegavelmente existe um número muito maior de autores europeus narrando travessias pelo Novo Mundo, e por consequência um número maior de trabalhos historiográficos que se dedicam a estes relatos. Meu objetivo neste artigo é discutir relatos de viagem de dois autores, o argentino Domingo Faustino Sarmiento e, o franco-argentino Paul Groussac. Desta maneira, busco discutir como a América Latina foi representada por um latino-americano e por um francês que adotou a Argentina como pátria, estabelecendo assim um laço muito mais profundo com a América do que com a Europa. Dado o espaço deste trabalho, uma seleção de alguns textos se fez necessária, desta forma priorizei alguns textos em detrimento de outros.

Os autores e a comparação

Os dois autores alvos desta análise são personagens importantes da intelectualidade argentina do século XIX, Groussac por sua vez ainda pode ser considerado figura de influência nas duas primeiras décadas do século XX. Para esclarecer melhor o porquê da comparação entre ambos, faz-se necessário uma breve apresentação.

Domingo Faustino Sarmiento nasceu em San Juan, na Argentina, em 1811, tornou-se uma figura emblemática de seu país, sendo um de seus intelectuais mais famosos. Sarmiento é um intelectual peculiar, veio de uma família modesta do interior, sendo que no que foi possível seus pais possibilitaram que estudasse. Quando adolescente, porém, não conseguiu uma bolsa, que possibilitasse continuar os estudos em Buenos Aires. A má condição financeira fez com que o autor trabalhasse como vendedor, mineiro, professor. Porém, tal situação não impediu que o desejo de conhecimento crescesse e nem que

deixasse de participar das questões políticas que lhe interessavam, o que demonstrou aos 18 anos, quando se alistou no exército unitário, compreendendo pouco as causas que lhe moviam (ROJAS, 1962).

Aos vinte anos, quando Facundo Quiroga tomou a província de Cuyo, se viu obrigado a abandonar sua terra natal, em decorrência de sua filiação política contrária. Foi neste período que viajou pela primeira vez ao Chile, regressando em 1836, quando Facundo foi assassinado. Sarmiento fundou periódicos, se envolveu na vida política e intelectual e tornou-se uma personalidade em sua província. Como opositor de Rosas, foi preso e posteriormente se exilou novamente no Chile¹.

Viveu por mais de uma década no país vizinho, onde trabalhou como professor e jornalista. Quando no Chile, não deixou de fazer oposição a Rosas, sendo que a experiência do exílio foi fundamental para sua formação intelectual, e um dos principais motivos para sua obra mais emblemática, *Facundo ou Civilização e Barbárie*, publicado em 1845. Os debates decorrentes do livro, bem como os pedidos de extradição, foram também motivos influenciadores para que o autor conseguisse empreender uma viagem para estudar os sistemas educacionais no exterior. Como enviado chileno, Sarmiento teve então a oportunidade de conhecer muitos países europeus, a Argélia e os Estados Unidos. Impressões que reuniu em seu livro *Viajes*, composto por onze cartas enviadas a amigos. O livro é considerado um precursor da literatura argentina, e o primeiro a narrar às experiências de viagem de um nativo.

O segundo autor aqui analisado é Paul Groussac, que também foi um personagem de destaque no meio intelectual argentino, principalmente a partir da década de 1880. Chegou ao país com 18 anos, em 1866, sem recursos e sem saber o idioma. Empregou-se primeiramente no campo, trabalhando em uma estância, e a pedido do pai se deslocou posteriormente a Buenos Aires, a fim de aprender melhor o idioma. Ser francês abriu-lhe caminhos em sua carreira, concedendo-lhe prestígio, o que favoreceu para que conseguisse cargos como educador na província de Tucumán.

Envolveu-se em diversos debates, sendo conhecido por suas ideias, pelo seu discurso, e por ocupar o cargo de diretor da Biblioteca Nacional Argentina, no período entre 1885 e 1929, cargo que lhe concedeu grande visibilidade. Foi um grande polemista, se envolvendo em diferentes debates com seus pares, debates que abarcaram questões intelectuais, políticas e artísticas. A historiadora Paula Bruna afirma que envolver-se em tais disputas com seus pares foi uma espécie de estratégia do autor para manter-se em evidência, consolidando sua influência (BRUNO, 2005). Em fins do século XIX e início do

¹ As publicações no periódico *El Zonda* foram fundamentais para seu segundo exílio no Chile, uma vez que desagradaram profundamente o governo.

XX, as grandes mudanças pelas quais passava a Argentina como, por exemplo, a grande onda imigratória, o desenvolvimento econômico, os efeitos da Primeira Guerra Mundial e o crescimento demográfico influenciaram também transformações no meio intelectual, período no qual, Groussac perdeu parte de sua influência no meios acadêmicos que começavam a profissionalizar-se (LOSADA, 2006, p. 171-193).

São muito poucos os trabalhos historiográficos que comparam exclusivamente estes dois personagens. Sarmiento é sem dúvida um dos intelectuais argentinos mais estudados, foi uma figura polêmica, escrevendo sobre os mais variados assuntos, e ainda um político que ocupou a presidência da república entre 1868-1874. A geração de 1837, ao retornar do exílio, após a queda de Rosas em 1852, ocupou o cenário político e intelectual do país, sobretudo, na década de 1860. Estes “pais fundadores” possuíam assim grande prestígio nas mais diferentes esferas do país, sua missão foi construir uma nacionalidade argentina, buscar modelos de crescimento econômico, educacional, cultural, enfim moldar as bases de uma identidade nacional.

Groussac, por outro lado, chegou à Argentina como um jovem desconhecido. Paula Bruno, como já mencionado, o classificou como um estrategista intelectual, por conseguir galgar vários degraus para despontar como autoridade intelectual no país, posição que ocupou principalmente na década de 1880, quando conseguiu o prestigioso cargo de diretor da Biblioteca Nacional. Sendo assim, a geração intelectual da qual Groussac fez parte, começou a despontar quando a geração de 1837 declinava.

A comparação que estabeleço entre ambos permite que observemos mudanças e continuidades na intelectualidade argentina, no que se refere às expectativas em relação ao futuro do país, influências estrangeiras, dentre outros aspectos. A comparação das obras de viagem permite ainda que tracemos um panorama diferente da história argentina e o papel que esta ocupava no cenário internacional.

Neste trabalho, no entanto, me dedico apenas a pensar como ambos representaram alguns pontos da América Latina em seus relatos de viagem, em especial o Chile, e a posição da Argentina perante esses países visitados, compreendendo desta maneira, que a identidade dos sujeitos se forma quando em contato com o outro.

Narrando a América Latina

No século XIX os crioulos também buscaram reinventar a si mesmos. Se Echeverría se serviu das paisagens de *Sobre estepes e desertos* de Humboldt para escrever seu mais famoso poema, *La Cautiva*, homens como Sarmiento se lançaram em viagens em direção a Europa e aos Estados Unidos, buscando modelos a serem seguidos por seu país (PRATT, 1999). Mas antes de alcançar os destinos principais, o itinerário também fornece pistas sobre suas impressões acerca da própria América Latina, a qual buscava civilizar.

A obra de ambos os autores aqui abordados é muito vasta, sendo que ambos empreenderam numerosas viagens. Selecionei, portanto, alguns exemplos com algumas de suas considerações sobre países latino-americanos visitados. Inicio minhas considerações por Sarmiento, que em 1845 iniciava sua primeira viagem à Europa e aos Estados Unidos.

A primeira carta que compõe *Viajes* (1849), que reúne cartas enviadas a amigos entre 1845-1847, trata de uma expedição a Ilha de Más-a-Fuera², na costa chilena. Todo o relato se passa em um período de 24 horas, consistindo em uma narrativa fascinante e detalhada. Depois de vários dias no mar a comitiva da qual fazia parte Sarmiento, realizou uma parada na costa da ilha, decidindo um pequeno grupo, do qual o sanjuanino fez parte, explorá-la. Remar até chegar à costa pedregosa revela-se uma empreitada por si só exaustiva, já que levaram cerca de oito horas para cumpri-la. O que impressiona no relato de Sarmiento é, no entanto, os detalhes. O autor inicia a carta falando da travessia, composta, sobretudo, por céu e mar. Neste início, temos uma reafirmação da grandeza natural do território. Escreve Sarmiento:

¿Qué puede referirse en un viaje de Valparaíso para Montevideo, aunque esté de por medio el temido Cabo de Hornos, que vimos de cerca, i rodeado de todos los esplendores, incluso las noches crepusculares en que, puesto el sol, la luz va rodando el horizonte sin perder nada de su pálido esplendor hasta preceder la salida del sol al naciente?
(SARMIENTO, 1997, p. 10)

Ao chegar à ilha, mais impressionante que a natureza é encontrar quatro habitantes na “deserta” porção de terra no Pacífico. Por diferentes razões os quatro homens decidiram na inóspita ilha viver. Javier Fernández destaca ainda que mesmo tendo sido esta uma estadia breve, a memória de tal experiência permaneceu no autor até a velhice, sendo resgatada por ele em *Los Tres Robisonos*, de 1883, texto no qual corrige a narrativa de um dos personagens, mencionado na carta e, posteriormente, em *Conflicto y Armonías de las Razas en América*, do mesmo ano. Ou seja, a experiência permaneceu na imaginação do autor.

² Paul Groussac fez uma correção na segunda série de *Viaje Intelectual*, afirmando que Sarmiento, na realidade, se referia à ilha de Mas-a-Tierra, na qual o marinheiro que inspirou Robinson Crusoe teria naufragado.

O primeiro ponto que destaco é a forte presença da natureza selvagem no relato, o mar bravio, a selva densa, a riqueza aquática, com a presença dos leões marinhos, animais valiosos no período. Porém, mais do que essa natureza selvagem, a intervenção humana é muito mais salientada pelo autor, a presença das cabras inseridas por Cook são prova dessa engenhosidade humana, a partir da introdução de um casal desse animal, a proliferação dos mesmos na ilha fez com que se tornassem fonte de carne e couro para os mal fadados habitantes. Desse modo, cabe concluir que o autor embora admirador da natureza, da qual foi profundo conhecedor³, prezava mais a ação humana sobre a mesma. Dessa forma, o relato, embora curto, deixa entrever as prerrogativas civilizatórias de Sarmiento, no qual a natureza mesmo que seja essencial para compor o quadro, não se sobressai a ação humana sobre ela. Perspectiva já adotada em seu livro *Facundo ou Civilização e Barbárie* (1845), ou seja, para civilizar é necessário povoar⁴.

O relato que aqui analisei brevemente é a primeira carta escrita durante sua primeira longa viagem ao exterior. Assim como no *Facundo*, Sarmiento adotou neste texto referências de lugares e paisagens que nunca observou pessoalmente. Em sua carta escrita no Rio de Janeiro, que também compõe *Viajes*, chama a atenção a descrição dos encontros com Johann Moritz Rugendas e as visitas ao Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Para o autor, Rugendas juntamente com Humboldt foram os que melhor retrataram a América, um pelos textos e o outro pela imagem. Assim sendo, fica clara as referências aos europeus como personagens fundamentais para a moldagem desta identidade sul-americana. Chama ainda a atenção o apreço pelos trabalhos de Rugendas sobre paisagens que nem mesmo havia visto, como os pampas argentinos, por exemplo, os quais só vislumbrará em 1851⁵. Para finalizar minhas considerações sobre esta primeira viagem do autor, gostaria de salientar que para o argentino não compensaria apreciar a arte local, pois a considerava cópia das originais europeias, as quais preferia apreciar em suas origens. Durante sua vida essas impressões foram se modificando em muitos aspectos, outras visitas revelam olhares mais otimistas em relação ao Brasil e outros países latino-americanos.

Muitos dos aspectos destacados em Sarmiento serão resgatados por Paul Groussac em 1897. Para os fins deste texto, darei especial enfoque a um dos relatos sobre sua passagem pelo Chile, em 1893, país de onde Sarmiento partiu em 1845. Considerando o pressuposto de que uma comparação leva em

³ Sarmiento foi um entusiasta de estudos sobre botânica e zoologia, durante seu mandato presidencial fez diversos pedidos de espécimes ao governo brasileiro para compor coleções de museus argentinos.

⁴ A política imigratória foi muito forte na Argentina, Sarmiento foi um de seus entusiastas. Vale destacar que os povos considerados aptos a povoar os vastos territórios argentinos, eram, sobretudo, europeus.

⁵ Para maiores informações ver: ROCA, Andrea Cláudia Marcela. *Os sertões e o deserto: imagens da 'nacionalização' dos índios no Brasil e na Argentina na obra do artista-viajante J. M. Rugendas*. 2010. 356f. Tese (doutorado em antropologia social)- Universidade Federal do Rio de Janeiro /Museu Nacional. Rio de Janeiro, 2010.

consideração tanto as semelhanças quanto as diferenças entre os objetos comparados, buscarei demonstrar como aspectos presentes no texto de Groussac dialogam com o relato de Sarmiento.

Como já mencionado Sarmiento prezava pela presença da grandiosa natureza americana em seu relato, Groussac também a utilizará em 1893 como um de seus panos de fundo e mais do que isso como um dos aspectos para definir o caráter nacional do povo chileno. O autor iniciou sua travessia com destino aos Estados Unidos partindo de Buenos Aires, tendo como objetivo representar o governo argentino na Feira Universal de 1893, em Chicago.

A grandeza da natureza que Groussac atravessa para chegar ao Chile, ao invés de causar admiração, por vezes lhe causa angústia, escreve o autor:

Es este un paisaje lunar, reino inviolado del silencio y de la muerte, en cuya atmósfera esterilizada y glacial nuestra vida terrestre procura en vano el más efímero asiento. Concibe la imaginación la grandeza selvaje, el horror sublime de una noche de invierno en estas soledades, cuando la tempestad de nieve desata los ventiqueros y arroja al precipicio los aludes erráticos (GROUSSAC, 1897, p. 64)

Porém, mais do que descrever a natureza, Groussac fará assim como o fez Sarmiento em numerosas passagens uma reflexão comparativa entre o Chile, especialmente as cidades de Santiago e Valparaíso, e a Argentina, especialmente Buenos Aires. O autor já nos adianta que seu texto se destinava aos leitores argentinos, não ao seu país natal, afirmando ser para os primeiros uma leitura muito mais produtiva. A reflexão de Groussac parte do pressuposto de que era palpável a diferença entre os dois países, primeiro no que diz respeito à geografia (*al suelo*): a vastidão dos pampas argentinos é substituída no Chile por um vale cercado de um lado pelas cordilheiras e pelo outro pelo Pacífico, desta maneira a concentração da população em um espaço mais circunscrito teria contribuído para a manutenção das estruturas coloniais e para que o país caminhasse de forma mais homogênea no período pós-independência, por outro lado, a República Argentina se viu imersa em um longo período de caudilhos e conflitos bélicos.

Groussac retoma as expressões célebres de Sarmiento, a de civilização e a de barbárie. A barbárie primitiva e americana, contra a civilização importada da Europa, e da qual o autor se julga um portador. Nesse sentido, ao avaliar comparativa Valparaíso, Santiago e Buenos Aires, considerou a última um enorme esforço civilizacional, que por sua vez, superaria todas as demais cidades americanas. Porém, o clima semelhante ao centro da Europa, seria um dos fatores naturais favoráveis tanto para o Chile quanto

para a Argentina, tal aspecto já os colocava a frente de todas as repúblicas sul-americanas, uma vez que favorecia o desenvolvimento do pensamento e a melhor adequação a modelos institucionais europeus⁶.

Para alcançar tal civilização o país necessitaria de organizar-se nacionalmente, o que o autor acredita ser equivalente a ocupação demográfica, econômica e política do território. Dessa maneira, Groussac da mesma forma que Sarmiento, acreditava que era necessário povoar, reduzir os “desertos”, diminuir as distâncias entre os agrupamentos urbanos, núcleos responsáveis por transmitir a civilização. Neste sentido, Groussac afirma ter o Chile saído na frente da Argentina, uma vez que, não existindo mistério ou vastidão na paisagem, não existiria também a liberdade tão cara ao gaúcho argentino, sendo que o indivíduo já nasceria ciente de sua posição no organismo social.

Essa ocupação do território, no entanto, não deveria ser feita de qualquer forma, sendo o imigrante ideal o europeu. Desta forma, a Argentina teria saído na frente, dada a maior diversidade étnica e cultural de sua população. O Chile não recebeu muitos imigrantes no século XIX, Groussac chega a afirmar que o sangue europeu já estaria quase desaparecido no povo chileno. Na percepção do autor, como o Chile não pôde aguardar a presença europeia, teve de contar com o próprio nativo para desenvolver-se, ocupar o solo, realizar a mineração, voltar-se para a exploração dos recursos marítimos, o que fez com que como Robinson Crusoe, se fechassem em uma espécie de ilha autossuficiente. Crusoe retorna aqui como uma cara metáfora ao texto de Groussac, o que demonstra a presença do personagem de Daniel Defoe tanto no imaginário de Sarmiento quanto no do franco-argentino.

Essa carência também atingia a arte local. Se Sarmiento afirmou no Rio de Janeiro ter preferido ver as obras originais em detrimento das cópias brasileiras, Groussac não fará o mesmo, observando atentamente também este aspecto da vida do país que visitava.

Sin duda hanle faltado, no sólo el genio creador, la llama sagrada, la originalidad soberana – como a los otros pueblos americanos – sino también la gracia elegante y el mismo gusto artístico: el numen de Bello, descolorido y frío como el agua, ha presidido sus inspiraciones. [...] su modesta escuela de pintura y escultura revela cualidades y actitudes de disciplina poco comunes en América (GROUSSAC, 1897, p.77).

Groussac é elogioso aos esforços da arte chilena, o que lhe incomoda é a falta de uma escola propriamente nacional, com estilo próprio. Para ele o grande período em que os artistas permaneciam nas escolas europeias aperfeiçoando-se em grande medida os faziam copistas. Faltavam-lhes, portanto, originalidade, sendo que esta estava longe de ser alcançada, uma vez que ainda importavam a civilização

⁶ O Brasil também já havia aderido ao regime republicano em 1889. Um dos fatores que fez com que Groussac elogiasse o país por não ter sido necessário o recurso às armas.

européia. Existe, portanto, uma certa dubiedade em Groussac, a civilização almejada para estes países americanos era a europeia, porém, era ainda necessário que estes incorporassem esta arte europeia e a transformasse em algo puramente nacional⁷.

Muitos outros aspectos poderiam continuar sendo analisados em relação aos trabalhos de Sarmiento e Groussac. Destaquei alguns deles, como a ocupação do território para a real civilização dos países, a imigração europeia e a natureza como fator influenciador, preferi para isto me concentrar em relatos sobre o Chile, porém muito se aplica a diversos países que ambos visitaram.

Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo analisar comparativamente experiências de viagem de dois autores, em períodos diferentes do século XIX. Busquei através de alguns exemplos demonstrar continuidades e rupturas nas formas de narrar de Domingo F. Sarmiento e Paul Groussac. Destacando aspectos importantes para o relato de ambos, dentre os quais: a ocupação do território, a natureza, a cultura e arte locais.

Durante suas vidas ambos os autores empreenderam numerosas viagens. Suas percepções acerca dos países visitados também sofreram alterações, mudanças provenientes tanto das conjunturas históricas, quanto das análogas expectativas dos personagens. Exemplos são as diferentes posições que Sarmiento adotou quando de suas viagens ao Brasil, se na viagem de 1847 o autor criticou o imperador, o sistema escravista, o clima e a arte local, em sua segunda viagem, em 1852, Dom Pedro tornou-se uma figura ímpar a qual Sarmiento passou a considerar um amigo, inteligente e ilustrado⁸. Sua postura em 1868 ainda é outra, negando-se a fazer análises mais aprofundadas sobre a escravidão e o sistema imperial, soma-se ainda o fato de que o autor acabava de ser eleito presidente da república em uma conjuntura delicada de guerra, a Guerra do Paraguai.

Considero assim, documentos importantes, para se conhecer e analisar as conjunturas dos autores, seus textos de viagem. Estes trabalhos mais do que nos oferecer informações sobre os locais que ambos

⁷ Groussac foi um profundo crítico do modernismo literário, encabeçado por figuras como Ruben Darío, com quem, aliás, travou um debate público sobre a originalidade do trabalho do autor nicaraguense.

⁸ Sarmiento teve a oportunidade de se encontrar com Dom Pedro II, em Petrópolis, no ano de 1852. Essas experiências são narradas em *Campaña en el ejército Grande*.

visitaram, permitem observar o que consideravam elementos fundamentais para o desenvolvimento da América Latina, expressão que ambos não utilizam, preferindo referir-se a América do Sul ou América Central. Ao falar dos países visitados, é possível observar ainda o que ambos almejavam para a Argentina e a posição que esta ocupou durante o século XIX no cenário latino-americano.

Referências Bibliográficas

BRUNO, Paula. Estados Unidos como caleidoscopio. Ensayo sobre las observaciones de viajeros diplomáticos argentinos del fin de siglo. In: *Revista Complutense de Historia de América*. vol. 39, p. 23-38. 2013.

BRUNO, Paula. *Pioneros culturales de la Argentina: Biografías de una época 1860-1910*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2011.

BRUNO, Paula. *Paul Groussac. Un estratega intelectual*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica/UdeSA, 2005.

CLIFFORD, James. *Routes. Travel and Translation in the Late Twentieth Century*. Harvard: Harvard University Press, 1997. Apud. COLOMBI, Beatriz. El Viaje, de la práctica al género. In: __ MARINOTE, Mónica; TINEO, Gabriela (org). *Viaje y relato en Latinoamérica*. Buenos Aires, Katatay, 2010.

GROUSSAC, Paul. *El Viaje intelectual*. Buenos Aires: Jesús Menéndez, Librero Editor 186, 1920.

GROUSSAC. Paul. *Del Plata al Niágara*. Buenos Aires: Administración de la Biblioteca, 1897.

LOSADA, Leandro. La alta sociedad, el mundo de la cultura y la modernización en la Buenos Aires del cambio del siglo XIX al XX. *Anuario de estudios americanos*, Sevilla, n 63, p. 171-193, 2006.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do Império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: EDUSC, 1999.

ROJAS, Ricardo. *El profeta de la pampa: vida de Sarmiento*. Buenos Aires: Editora Guillermo Kraft Limitada, 1962.

SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo ou civilização e barbárie*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.



Anais do II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina
ISBN: 978-85-7205-159-0

SARMIENTO, Domingo Faustino. Viajes por Europa, Africa i América. In:___ *Obras de Domingo F. Sarmiento*. Santiago de Chile: Imprenta Gutemberg, 1886.